

## Nossos feminismos revisitados<sup>1</sup>

Luiza Bairros

---

Certa vez em Salvador, Bahia, vi na televisão um quadro sobre culinária. Era um programa matinal dirigido ao público feminino, onde se demonstrava como preparar um prato do qual já nem lembro. Naquele momento, o que prendia minha atenção estava atrás da imagem imediatamente visível na tela de TV. O cenário era uma cozinha e o personagem principal uma apresentadora que não parava de dar instruções e conselhos. Em contraposição, uma jovem negra participava da cena no mais completo mutismo.

Naquele programa, o estereótipo que nos associa a boa cozinheira foi redefinido pela redução da mulher negra ao papel de coadjuvante mesmo no limitado espaço imposto pelo racismo. Para mim, entretanto, tão poderosa quanto o silêncio era nossa outra fala transmitida pela pele negra e realçada pelo penteado de tranças da ajudante. Uma imagem posta em nossos próprios termos desligada das representações de submissão atribuídas a nós, mulheres e homens negros. Se, por um lado, os produtores de TV acham que não possuímos a autoridade e segurança necessárias para ensinar até mesmo o que supostamente fazemos melhor, por outro, é evidente que o racismo já não pode mais ser praticado sem contestação, sem que de algum modo emergjam os contradiscursos que (re)criamos nas duas últimas décadas.

Os significados embutidos na cena não param por aí. O papel desempenhado pela apresentadora – branca, era superior apenas na aparência pois ela estava restrita ao espaço geralmente desvalorizado da atividade doméstica. Logo sua 'autoridade só pôde evidenciar-se quando contraposta ao papel secundário da ajudante negra.

Numa sociedade racista, sexista, marcada por profundas desigualdades sociais o que poderia existir de comum entre mulheres de diferentes grupos raciais e classes sociais? Esta é uma questão recorrente, não totalmente resolvida pelos vários feminismos que interpretam a opressão sexista com base num diferenciado espectro teórico-político-ideológico, de onde o movimento feminista emergiu.

### Conceitos fundamentais do feminismo

De acordo com Judith Grant<sup>2</sup>, as versões mais conhecidas do feminismo – radical, liberal, socialista – não foram capazes de dar conta de questões como as que me foram sugeridas pelo programa de TV, porque herdaram do feminismo radical três conceitos básicos (e problemáticos): mulher, experiência e política pessoal.

Num determinado momento, os conceitos foram úteis para definir uma coletividade e seus respectivos interesses, assim justificando o estabelecimento de uma organização política independente. Mas, por outro lado, mostraram-se inconsistentes quando usados para definir o que nos une a **todas** enquanto mulheres. Para a autora, tal convergência conceitual é chave para entender-se porque certos feminismos desconsideram categorizações de raça, de classe social e de orientação sexual, favorecendo assim discursos e práticas voltados para as percepções e necessidades de mulheres brancas heterossexuais de classe média. Vejamos como esse argumento e elaborado.

---

<sup>11</sup> Disponível em [https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Nossos\\_Feminismos\\_Revisitados\\_Luiza\\_Bairros.pdf](https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Nossos_Feminismos_Revisitados_Luiza_Bairros.pdf). Acesso em: 16 de out. 2017.

<sup>2</sup> GRANT Judith *Fundamental Feminism Contesting the Core Concepts of Feminist Theory*. Nova Iorque, NY, Routledge, 1991.

O uso do conceito **mulher** traz implícito tanto a dimensão do sexo biológico como a construção social de gênero. Entretanto, a reinvenção da categoria mulher frequentemente utiliza os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal – passiva emocional etc. – como forma de lidar com os papéis de gênero. Na prática, aceita-se a existência de uma natureza feminina e outra masculina, fazendo com que as diferenças entre homens e mulheres sejam percebidas como fatos da natureza<sup>3</sup>. Desta perspectiva, a opressão sexista é entendida como um fenômeno universal sem que, no entanto, fiquem evidentes os motivos de sua ocorrência em diferentes contextos históricos e culturais.

Para definir opressão, o feminismo lança mão do conceito **experiência**, segundo o qual opressiva seria qualquer situação que a mulher defina como tal, independentemente de tempo, região, raça ou de classe social<sup>4</sup>. Cabe notar que essa definição, ao mesmo tempo em que reforça um dos aspectos definidores do feminismo em relação a outros sistemas de pensamento – a importância da subjetividade em oposição à objetividade – também abre a porta para as generalizações. Isto, associado ao maior acesso aos meios de propagação de ideias por certos grupos sem dúvida contribuiu para que experiências localizadas fossem tomadas como parâmetro para as mulheres em geral.

Ha duas versões do pensamento feminista que explicitamente tentam definir a mulher com base em experiências tidas como universais. A primeira coloca a maternidade como a experiência central na identidade das mulheres. Ao responder porque constituímos um grupo diferente, coloca em destaque valores ligados à prática das mães: altruísmo, carinho, cuidado com os interesses do outro. A ênfase num aspecto compartilhado apenas em caráter biológico, como parte integral da identidade feminina, reforça noções patriarcais do que é tradicional ou naturalmente feminino, apenas atribuindo a estas características um valor superior àquelas geralmente associadas ao homem<sup>5</sup>. Por outro lado, não evita a manifestação de interesses contraditórios, como bem demonstram as dificuldades que se tem ainda hoje de definir um entendimento comum para temas como aborto ou até mesmo direitos reprodutivos.

A segunda toma a sexualidade, entendida como forma de poder que transforma a mulher em objeto sexual do homem, como a experiência capaz de unificar todas as mulheres. Dessa perspectiva, a mulher tende a ser interpretada como vítima de um poder definido como intrinsecamente masculino. Também, nesse caso, a tentativa de generalizar experiências fracassa. Prova disto são as diferentes percepções sobre estupro, assédio sexual e, mais recentemente, a discussão sobre pornografia e violência que tem dividido opiniões sobre o que é ou não a submissão da mulher à vontade do macho. Veja-se, a esse respeito, a colocação das homossexuais norte-americanas que reivindicam o sadomasoquismo como uma forma legítima de exercício da sexualidade, assim opondo-se a interpretações que problematizam essas mesmas práticas em relações heterossexuais.

A ênfase na experiência levou à afirmação de que **o pessoal é político**, o terceiro conceito básico do feminismo. A ideia de que problemas de mulher são meramente pessoais foi descartada quando o movimento feminista propôs-se a agir no sentido de estabelecer soluções comuns. Política então seria qualquer relação de poder mesmo fora da esfera pública, da ação direta do Estado ou da organização capitalista da sociedade. Daí a importância da noção de dominação masculina, de acordo com a qual poder-se-ia definir como instituição política qualquer atividade estruturada para perpetuá-la como no caso do casamento e da família<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> GRANT, op. cit. p. 21 e 24.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 30.

O exemplo mais clássico da abrangência do conceito **experiência** refere-se às mulheres dos setores sociais dominantes, cuja opressão se manifestaria pelos limites a que estão sujeitas quando colocadas no pedestal que os privilégios de classe lhes garantem.

<sup>5</sup> Ib. P. 59.

<sup>6</sup> Ib. p. 34.

## Transformando os conceitos fundamentais

Há pelo menos duas teorias feministas que procuram superar as limitações dos conceitos fundamentais sem, no entanto, abandoná-los totalmente. Uma é o **feminismo socialista**, que parte do referencial teórico marxista para analisar a base material da dominação masculina. Entretanto, como as categorias feministas fundamentais foram estabelecidas em oposição aos postulados marxistas, torna-se difícil atribuir equivalências para conceitos como produção e reprodução (frequentemente tratados no feminismo como esferas separadas), assim como introduzir a análise de temas como sexualidade e socialização de crianças, definindo patriarcado não como ideologia, mas enquanto uma estrutura com base material<sup>7</sup>.

As socialistas, entretanto, pelo menos ofereceram alternativas para que se entendesse a intersecção entre gênero, raça orientação sexual e classe. Contudo, mantêm a experiência como o principal elemento para definir a opressão sexista e entendem esta como mais importante. Pensaram as outras dimensões como parcelas que se somam à de gênero, dando assim margem as nossas conhecidas formulações em termos de dupla ou tripla opressão: sexismo + racismo + homofobia + etc.

A aceitação mais ou menos acrítica de que existiriam grupos mais discriminados que outros resultou da incapacidade de oferecer uma formulação que evidenciasse como somos todas e todos afetados pelo sexismo em suas diversas formas – homofobia, machismo, misoginia. A percepção de que o homem deve ser, por exemplo, o principal provedor do sustento da família, o ocupante das posições mais valorizadas do mercado de trabalho, o atleta sexual, o iniciador das relações amorosas, o agressivo, não significa que a condição masculina seja de superioridade incontestável.

Essas mesmas imagens cruzadas com o racismo reconfiguram totalmente a forma como homens negros vivenciam gênero. Assim, o negro desempregado ou ganhando um salário minguado é visto como o preguiçoso, o fracassado, o incapaz. O atleta sexual é percebido como um esturador em potencial. O agressivo torna-se o alvo preferido da brutalidade policial. Só que estes aspectos raramente são associados aos efeitos combinados de sexismo e racismo sobre os homens, que reforçam o primeiro na ilusão de poder compensar os efeitos devastadores do segundo.

A outra tentativa mais recente de transformar as categorias mulher, experiência e política pessoal é o **ponto de vista feminista** (*feminist standpoint*). Segundo essa teoria, a experiência da opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça, gênero e classe social interceptam-se em diferentes pontos. Assim, uma mulher negra trabalhadora não é triplamente oprimida ou mais oprimida do que uma mulher branca na mesma classe social, mas experimenta a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual racista e sexista.

Raça, gênero, classe social, orientação sexual reconfiguram-se mutuamente, formando o que Grant chama de um mosaico que só pode ser entendido em sua multidimensionalidade. De acordo com o ponto de vista feminista, portanto, não existe uma identidade única, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinada.

Considero essa formulação particularmente importante, não apenas pelo que ela nos ajuda a entender diferentes feminismos, mas pelo que ela permite pensar em termos dos movimentos negro e de mulheres negras no Brasil. Este seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro (vivida através do gênero) e de ser mulher (vivida através da raça), o que torna

<sup>7</sup> Ib. p. 53.

supérfluas discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento de mulheres negras – luta contra o sexismo ou contra o racismo? –, já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas, uma não existe sem a outra<sup>8</sup>.

## Feminismo Negro

Nos Estados Unidos, o feminismo negro é uma das principais expressões da teoria do ponto de vista (*standpoint theory*). A discussão sobre as categorias mulher, experiência e política pessoal, delineada nas seções anteriores, já havia sido antecipada por escritoras negras cuja perspectiva feminista prescinde de uma identidade comum para todas as mulheres. É este tipo de abordagem que permitirá responder de forma mais satisfatória as questões que coloquei inicialmente, a partir do programa de TV para mulheres, onde a assimetria nas relações de brancas e negras era mostrada como se não fosse problemática.

bell hooks – destacada feminista afro-americana – corretamente afirma que o que as mulheres compartilham não é a mesma opressão, mas a luta para acabar com o sexismo, ou seja, pelo fim das relações baseadas em diferenças de gênero socialmente construídas. Para nós negros, é necessário enfrentar esta questão, não apenas porque a dominação patriarcal conforma relações de poder nas esferas pessoal, interpessoal e mesmo íntimas, mas também porque o patriarcado repousa em bases ideológicas semelhantes às que permitem a existência do racismo: a crença na dominação construída com base em noções de inferioridade e superioridade<sup>9</sup>.

Nesse sentido, a frase “o pessoal é político”, para hooks, não significa, como muitos ainda a interpretam, a primazia de uma dimensão sobre a outra, mas a compreensão de que o pessoal pode constituir-se em ponto de partida para a conexão entre politização e transformação da consciência. Logo, não se trata de uma simples descrição da experiência de opressão de mulheres por homens, mas do entendimento crítico sobre o terreno de onde essa realidade emerge<sup>10</sup>.

Importante notar que essa afirmação já contém a compreensão que mais tarde Grant sintetizou: “Feminismo é o instrumento teórico que permite dar conta da construção de gênero como fonte de poder e hierarquia que impacta mais negativamente sobre a mulher”. É a lente através da qual as diferentes experiências das mulheres podem ser analisadas criticamente, com vistas à reinvenção de mulheres e de homens fora dos padrões que estabelecem a inferioridade de um em relação ao outro.

É desse modo que a afro-americana Patricia Hill Collins desvenda uma longa tradição feminista entre mulheres negras com base no pensamento daquelas que desafiaram ideias hegemônicas da elite masculina branca, expressando uma consciência sobre a intersecção de raça e classe na estruturação de gênero. Tal tradição constituiu-se em torno de cinco temas fundamentais que caracterizariam o ponto de vista feminista negro: 1) o legado de uma história de luta; 2) a natureza interligada de raça, gênero e classe; 3) o combate aos estereótipos ou imagens de controle; 4) a atuação como mães professoras e líderes comunitárias; 5) e a política sexual<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> Como salientado no parágrafo anterior, homens também vivenciam raça através de gênero, mas ao contrário das mulheres, não percebem os efeitos opressivos do sexismo sobre sua própria condição. Daí tenderem a confundir o combate as desigualdades de gênero com antagonismo entre homens e mulheres ou com uma tentativa destas de acabar com privilégios da condição masculina, que eu duvido possam ser desfrutados plenamente por homens negros numa sociedade racista. Até por isto, o movimento negro, um dos poucos espaços que se oferecem para a expressão plena de pessoas negras, também é palco para o exercício de um sexismo que não poderia manifestar-se em outras esferas da vida social, especialmente aquelas dominadas por (homens) brancos.

<sup>9</sup> hooks, bell. *Talking Back Thinking Feminist: Thinking Black*. Boston, MA, South End Press, 1989, p. 23.

<sup>10</sup> hooks, op. cit. p. 106 e 108.

<sup>11</sup> COLLINS, Patricia H. *Black Feminist Thought Knowledge: Consciousness and Politics of Empowerment*. Nova Iorque, NY, Routledge,

A autora considera, como contribuição intelectual ao feminismo, não apenas o conhecimento externado por mulheres reconhecidas no mundo acadêmico, mas principalmente aquele produzido por mulheres que pensaram suas experiências diárias como mães, professoras, líderes comunitárias, escritoras empregadas domésticas, militantes pela abolição da escravidão e pelos direitos civis, cantoras e compositoras de música popular.

Assim, através de depoimentos, documentos, letras de música, autobiografias, novelas e textos acadêmicos de mulheres negras, Collins traça um perfil de uma tradição intelectual subjugada também em função de critérios epistemológicos que negam a experiência como base legítima para a construção do conhecimento. O pensamento feminista negro seria então um conjunto de “experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro-americanas, que oferecem um ângulo particular de visão do eu, da comunidade e da sociedade, ele envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras por aquelas que a vivem”<sup>12</sup>.

A contribuição de Collins é particularmente útil para entendermos que a forma como a mulher negra foi mostrada naquele programa sobre culinária é paradigmática da contradição que enfrentamos nas várias esferas de relações sociais. A supressão ou aceitação condicional do nosso conhecimento é sempre uma possibilidade, mesmo nos contextos que dependem de nossa atuação<sup>13</sup>. Mais especificamente, nossa posição pode ser melhor compreendida através do lugar ocupado pelas empregadas domésticas. Um trabalho que permitiu a mulher negra ver a elite branca a partir de uma perspectiva a que os homens negros, e nem mesmo os próprios brancos, tiveram acesso<sup>14</sup>.

O que se espera das domésticas é que cuidem do bem-estar dos outros, que até desenvolvam laços afetivos com os que dela precisam, sem, no entanto, deixarem de ser trabalhadoras economicamente exploradas e, como tal, estranhas ao ambiente do qual participam (*outsider within*). Contudo, isto não deve ser interpretado como subordinação. No limite, essa marginalidade peculiar é que estimula um ponto de vista especial da mulher negra (*permitindo*) uma visão distinta das contradições nas ações e ideologias do grupo dominante<sup>15</sup>. A grande tarefa é potencializá-la afirmativamente através da reflexão e da ação políticas.

---

1991.

<sup>12</sup> Ibidem p. 26.

<sup>13</sup> Várias militantes têm ressaltado que, da forma como se propagaram as ideias e realizações dos movimentos negro e feminista, tem-se a impressão de que todos os negros são homens e todas as mulheres são brancas. Para combater essa crença, Paula Giddings escreveu *When and Where I Enter: The Impact of Black Women on Race and Sex In America*. Nova Iorque, NY, William Morrow and Co. 1984. Uma fascinante reconstrução da liderança desempenhada por mulheres negras nas lutas feministas e contra o racismo nos Estados Unidos.

<sup>14</sup> COLLINS, op. Cit. P. 11.

<sup>15</sup> Ibidem.